

BREVE REFLEXÃO SOBRE A METAFÍSICA DE LEONARDO COIMBRA

*Nadja do Couto – Valle,
da Universidade Gama Filho*

INTRODUÇÃO

Considerado por muitos como o maior filósofo português, Leonardo Coimbra deixou marca perene no pensamento luso com sua profunda atitude espiritual idealista, flagrantemente contrária ao positivismo e ao empirismo.

Sua firme posição contra uma espécie de ditadura da idéia, ou *cousismo*, levou-o a refutar o dogmatismo e imobilismo, e a conceber *O Criacionismo*, que publicou em 1912.

Sua crítica da razão coisificante baseia-se na sua convicção de que o pensamento humano é essencialmente o veículo da liberdade; esta é no início ilimitada, mas é detida pelo vício coisista de tratar as idéias como coisas, manipuláveis, como se fossem objetos materiais. Desta forma o pensamento frequentemente afasta-se de seu próprio dinamismo e de sua própria liberdade.

Sua filosofia criacionista revela uma espécie de teologia da criação, concebendo nosso mundo como criação ôntica divina que abrange seres materiais e humanos, cuja destinação realiza-se pela liberdade, e que tem no homem sua mais alta expressão.

O pensamento de Leonardo Coimbra apresenta um movimento ternário: 1) a Criação, por Deus, que embora amoroso, não deixa de ser algo misterioso em seus desígnios; 2) o mundo criado, as criaturas, os seres, que patenteiam, por um lado, o bem e o mal, a verdade e o erro, o movimento e a coisificação, e por

outro a dimensão das consciências, uma espécie de sociedade de mônadas, cuja destinação é superação final das contradições e oposições; 3) a sublimação do universo conduzida pelo paciente caminhar do homem de espírito liberto, e que constitui, na contrapartida humana, uma espécie de co-criação do homem em resposta à criação divina, embora o homem seja sempre inspirado do alto.

A METAFÍSICA LEONARDINA

Também na metafísica manifesta-se um movimento ternário, corporificado em seu quarto livro *A Alegria, a Dor e a Graça*, considerado a sua mais bela obra. A filosofia aqui expressa, eminentemente estética, porque parte do sentir para o pensar, consagra uma fenomenologia dos sentimentos metafísicos que colocam o homem em comunhão com o universo, com a natureza, com a humanidade e consigo mesmo.

Esta obra de metafísica fundamental perpassa os “nódulos de essência espiritual”¹ ou existenciais, com dir-se-ia modernamente, como a alegria e o amor, a busca do sentido diante da tragédia da vida, do destino do Universo, da fatalidade, do mal e da morte.

A ALEGRIA, A DOR E A GRAÇA

As alegrias e prazeres que quase todos os homens conhecem são o que lhes é possível captar como expressão da Alegria, que pervade toda a criação e que implica, por parte do homem, uma forma de dizer que a criatura deve desenvolver sua consciência do Criador. A idéia de desenvolvimento é carregada na imagem da criança que Leonardo Coimbra apresenta no primeiro dos três movimentos que caracteriza a obra: “As primeiras horas são de Alegria inocente, anterior ao pecado original”, embora “o homem [seja] a exígua realização”, mas “grande é o homem que conserva sempre em si a luz das primeiras horas.”²

Lembra Leonardo Coimbra que “conservar a infância é levar dentro de si, desperta e pronta, uma misteriosa lâmpada capaz de conduzir a luz até à alma das coisas”³.

Este estado de infância está ausente naqueles que não passam de “esboços de alma” e manifesto nas “almas verídicas”, que “nutrem-se dum único alimento ... – o absoluto”⁴ e têm a “ansiosa tarefa” de “procurar a substância, as relações totais das coisas, o que é, para além do que aparece”⁵. Essas almas sabem que

(1) Angelo ALVES, “Leitura metafísica ...”, p. 208.

(2) Leonardo COIMBRA, “A Alegria, a Dor e a Graça” in *Obras de Leonardo Coimbra*, p. 403.

(3) Op. cit. p. 404

(4) Op. cit. p. 399

(5) Op. cit. p. 433

“... o amor é a primeira manifestação de consciente assimilação com o cosmos, ...”¹, e que “... todo o pecado contra o Amor é um pecado contra a Alegria, uma perda real e irreparável.”²

Ao mesmo tempo, o pensamento de Leonardo Coimbra resguarda naturalmente a imortalidade da alma, à qual se vincula a dimensão metafísica da memória, observando que “... também nas memórias só é eterna a parte de significado universal que contenham”, para spinozianamente concluir que “só não morre o que é *forma* universal, o que em cada ser é, no sentido do Todo, do significado divino da existência.”³

Leonardo Coimbra medita a questão da Dor como uma necessidade existencial, “como o melhor caminho para Deus”⁴, uma espécie de recurso pedagógico divino para que o homem cresça, evoluindo da sua infância. Aborda a questão da Dor, sobretudo na perspectiva da perda, e em especial medita sobre a possibilidade da perda de si mesmo diante da morte: “O que há para além de nós? O limite de nossa alma é ali onde morre a última onda sonora?”⁵ e segue indagando recorrentemente no texto: “Para onde vão, pois, as almas?”⁶

Discutindo o problema do mal e da morte, e desta como um mal, Leonardo Coimbra desemboca na busca: “Sabeis o que é procurar alguém? ... A ausência dum corpo é a sua mudança de espaço, mas o que é a ausência duma alma?”⁷

A dor é “uma experiência viva e séria, mergulhada no seio do Universo”⁸, que tem uma função pedagógica, eis que “leva ao maior conhecimento, porque obriga a uma indagação em todas as direcções e sem repouso, porque torna sensíveis os mínimos laços, porque é a penetração da alma através do cosmos, ...”⁹

Enquanto “a alegria é vitoriosa e simples, a Dor é comovida e transcendente: ... é uma incessante pergunta, ...”¹⁰ Enquanto “a Alegria atravessa o mundo em marcha, a Dor bate às portas a esmolar companhia.”¹¹

Depois de experimentar as alegrias com o sentimento da Unidade do Todo, e a dor como uma forma de privação e saudade de Deus, o homem conhece a Graça, que conjuga a Alegria e a Dor.

Leonardo Coimbra define a Graça no bojo e no âmago da idéia que lhe caracteriza a essência do pensamento: ele é o filósofo da liberdade, afirmada

(1) Op. cit. p. 425

(2) Op. cit. p. 423

(3) Op. cit. p. 455

(4) Op. cit. p. 498

(5) Op. cit. p. 459

(6) Op. cit. pp. 463, 470, 472, 475

(7) Op. cit. pp. 460-461

(8) Op. cit. p. 492

(9) Op. cit. p. 494

(10) Ibid.

(11) Op. cit. p. 495

em seu *O Criacionismo* como “núcleo de realidade” – “A Graça é a sensação da liberdade, ... repousa e perpassa, ..., no cósmico abraço do mundo”¹. Ela “é a vitória da liberdade sobre a necessidade” e “... pode revelar-se no acidente e no indivíduo, ... é, em cada forma, a presença do Infinito, ...”². É de tal forma, que “quem uma vez sentiu a Graça, viu o próprio Deus.”³

Leonardo Coimbra repudia as formas da filosofia tradicional, quando se pretende demonstrar a liberdade pelas formas de um racionalismo abstrato clássico.

Sempre que é necessário salvar a liberdade afogada nos seus instrumentos de acção, é à Graça, ao Irracional, para além de cada e de todas as razões, que se recorre.⁴

A Graça é uma experiência quase que mística, para além dos sentidos e da razão, é um encontro misterioso do humano individual com a Presença ilimitada do Amor.

CONCLUSÃO

Ligado ao movimento cultural da Renascença Portuguesa, do qual foi mentor, Leonardo Coimbra cuida, com se vê, da realidade metafísica da pessoa moral.

O filósofo da liberdade, da Unidade e da Relação explicita estas características nesta sua obra metafísica:

A Alegria é a unidade concreta dum Universo: ... é, pode dizer-se, a realidade do Ser, planificada. A Dor é a nova direcção da Unidade, quebrada em mil destroços, fragmentada e dispersa, buscando para além. A Graça é ... a Unidade reconquistada boiando sobre os destroços que, por ela, tomam um novo sentido de Alegria, ... A Alegria canta, a Dor procura e atende, a Graça é.⁵

Em linguagem literária, rica em imagens e metáforas, e estilo fluente, de inspiração lírica, Leonardo Coimbra expõe a sua metafísica, que se corporifica em *A Alegria, a Dor e a Graça*, uma obra estruturada, como se vê, em uma tríade dinâmica, com intercomunicação das partes, que funcionam como a afirmação – a Alegria; a negação – a Dor; e a negação da negação – a Graça, ou Unidade reencontrada da pessoa moral e religiosa na comunhão com Deus.

(1) Op. cit. p. 499

(2) Op. cit. p. 500. Ver também pp. 501 a 503, e 522.

(3) Op. cit. p. 502

(4) Op. cit. p. 528

(5) Op. cit. p. 501

É a dimensão metafísica desta filosofia criacionista do Amor e da Graça, uma filosofia que admite o pensamento humano como capaz de colaborar com Deus na construção da realidade.

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ângelo. "Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça" in *Revista Portuguesa de Filosofia*. 2-3:85. pp. 181-208.
- COIMBRA, Leonardo. "A Alegria, a Dor e a Graça" in *Obras de Leonardo Coimbra*. vol. I. Porto, Lello & Irmão, 1983.
- COUTO VALLE, Nadja. *Alguns breves apontamentos sobre a Alegria, a Dor e a Graça, de Leonardo Coimbra*. Rio, UGF, 1990. Mimeo.
- LOGOS: *Enciclopédia luso-brasileira de filosofia*. vol. I. Lisboa, Editorial Verbo, 1989.
- QUADROS, Antônio. *A filosofia portuguesa, de Bruno à geração do 57*; seguido de O Brasil mental revisitado. Lisboa, Instituto Amaro da Costa [s.d.]. Separata da Revista Democracia e Liberdade. n° 42/43 (Julho/Dezembro 1987).